



DA CULPA E DO MEDO AO ALÍVIO E DESEJO DE SER QUEM SE É: A “SAÍDA DO ARMÁRIO” DE JOVENS HOMO E BISSEXUAIS PARA SUAS FAMÍLIAS

DE LA CULPA Y EL MIEDO AL ALIVIO Y EL DESEO DE SER QUIEN ERES: EL “FUERA DEL GABINETE” PARA JÓVENES HOMOS Y BISEXUALES PARA SUS FAMILIAS

FROM GUILT AND FEAR TO RELIEF AND DESIRE TO BE WHO YOU ARE: THE “OUT OF THE CABINET” FOR HOMO AND BISEXUAL YOUNG PEOPLE FOR THEIR FAMILIES

Rafaela da Rosa¹

Moises Romanini²

RESUMO

Parte significativa das famílias cria um roteiro de vida, planeja e idealiza a vida do(a) seu/sua filho/a baseada em princípios heteronormativos, uma vez que a revelação de sua orientação sexual acaba por provocar uma ruptura destes sonhos. Esse artigo apresenta uma pesquisa cujo objetivo foi o de conhecer as percepções de jovens homo e bissexuais sobre os sentimentos e reações dos pais e/ou mães frente à revelação de sua orientação sexual. A metodologia utilizada foi através da abordagem qualitativa, com pesquisa exploratória, sendo utilizado como instrumento metodológico a narrativa não estruturada com 9 jovens de 18 a 24 anos. As entrevistas narrativas foram gravadas e transcritas, tendo sido submetidas à análise narrativa. Os saberes e as percepções desses/as jovens sobre o “sair do armário” constituíram uma narrativa coletiva, com a contribuição teórica de alguns autores que subsidiaram a discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Orientação Sexual. Família. Pais/Mães.

RESUMEN

Una parte importante de las familias crea un guión de vida, planifica e idealiza la vida de su hijo en base a principios heteronormativos, ya que la revelación de su orientación sexual acaba provocando la ruptura de estos sueños. Este artículo presenta una encuesta cuyo objetivo fue conocer las percepciones de los jóvenes homo y bissexuales sobre los

¹ Graduação em Psicologia (UNISC).

² Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

sentimientos y reacciones de los padres y/o de las madres ante la revelación de su orientación sexual. La metodología utilizada fue a través del abordaje cualitativo, con investigación exploratoria, siendo utilizado como instrumento metodológico la narrativa no estructurada con 9 jóvenes de 18 a 24 años. Las entrevistas narrativas fueron grabadas y transcritas, habiendo sido sometidas a análisis narrativo. Los conocimientos y percepciones de estos jóvenes sobre “salir del armario” constituyeron una narrativa colectiva, con el aporte teórico de algunos autores que apoyaron la discusión.

PALABRAS-CLAVE: Sexualidad. Orientación sexual. Familia. Padres/Madres.

ABSTRACT

Significant part of families create a life script, plan and idealize the life of their child based on heteronormative principles, since the disclosure of their sexual orientation ends up causing a break of these dreams. This article presents a research whose objective was to know the perceptions of homosexual and bisexual young people about their parents' feelings and reactions to the disclosure of their sexual orientation. The methodology used was through the qualitative approach, with exploratory research, being used as methodological instrument the unstructured narrative with 9 young people from 18 to 24 years old. Narrative interviews were recorded and transcribed, being subjected to narrative analysis. The knowledge and perceptions of these young people about “coming out of the closet”, constituted the collective narrative, with the theoretical contribution of some authors who subsidized the discussion.

KEYWORDS: Sexuality. Sexual Orientation. Family. Parents.

Introdução

Atualmente, apesar de haver um consenso quanto ao conceito de família, não se tem uma definição clara e singular sobre o assunto. O sistema familiar, geralmente referindo-se ao nuclear – mãe, pai e filhos(as) –, concebe-se em um conjunto de normas, práticas e valores através de uma construção social que tem seu lugar, seu tempo e uma história (BIROLI, 2014). A família, para Macedo (1994, p. 63), “é vista como o primeiro espaço psicossocial”, servindo como modelo dos tipos de relações a serem estabelecidas consigo mesmos, com terceiros e com o mundo. Assim, a finalidade da família seria fornecer um meio ideal para suprir as necessidades dos membros relacionadas “à sobrevivência – segurança, alimentação e um lar –, ao desenvolvimento – afetivo, cognitivo e social – e ao sentimento de ser aceito, cuidado e amado” (MACEDO, 1994, p. 64).

Ademais, outro papel fundamental atribuído ao sistema familiar é a transmissão e disseminação de valores. Assim, é através da educação formal e informal, conforme Santos, Brochado e Moscheta (2007), que as informações serão processadas e

modificadas, permitindo aos indivíduos elaborarem a sua própria visão do mundo e como será sua inserção nesse. Diferentemente do processo de socialização primária que ocorre no meio familiar, a educação sexual, para com estes indivíduos – filho(as) –, dificilmente ocorre dentro de tal meio ou, quando ocorre, a família não consegue abordar todos os aspectos envolvidos nesse processo.

Muitas pessoas relacionam o tema “sexualidade” com o ato sexual em si e as práticas eróticas e acabam, por achar inapropriado e inaceitável, não abordando o assunto com seus/suas filhos/as³. Porém, segundo Grossi (2007), citando a Organização Mundial da Saúde (1975), a sexualidade refere-se à “energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas se tocam e são tocadas” (s/p). Isto é, a sexualidade vai muito além do sexo, abrangendo dimensões psicológicas, sociais e somáticas, que dizem respeito à identidade, autoestima, afeto, relacionamentos, etc. Logo, a sexualidade não se refere especificamente à relação sexual ou a uma fase específica da puberdade/adolescência, pois nascemos e morremos como seres sexuais – mesmo que nunca pratiquemos sexo na vida.

A relação com a sexualidade dos/as filhos/as, entretanto, por fazer parte do cotidiano parental, acaba sendo influenciada pelo modo como se aborda o assunto no ambiente familiar. Desta forma, conforme Hauer e Guimarães (2015), prevalece a quantidade de pais que não abordam ou não dão espaço para o diálogo referente a esse assunto por se sentirem despreparados, geralmente por motivos pessoais – experiências ruins ou até mesmo por medo. Na contramão do observado acima, a questão da sexualidade é uma temática que tem vindo a ganhar, atualmente, cada vez maior visibilidade.

Entretanto, os jovens que se identificam como homo ou bissexuais e que optam por revelar seu “segredo” aos pais pensam que, ao estarem fazendo isto, estarão dividindo, com eles, um “problema/fardo” que não precisa mais ser carregado sozinho. Ao mesmo tempo em que buscam se livrar do sentimento de culpa relativo ao seu “segredo”, aguardam a receptividade positiva dos pais e/ou mães quanto ao assunto. Porém, para muitos familiares, a descoberta da homossexualidade ou bissexualidade dos filhos se torna um evento acompanhado de muita tensão e drama, em muitos casos

³ Neste artigo estamos empregando artigos masculinos ou femininos, reproduzindo, talvez de maneira equivocada, o binarismo presente e marcado em nossa linguagem. Entretanto, optamos pela não utilização da linguagem neutra pois todos/as os/as participantes da nossa pesquisa se identificam como cis gênero.

ocorrendo o rompimento dos laços familiares. Assim, a questão levantada neste manuscrito dá-se em torno da percepção dos/as filhos/as sobre os sentimentos e reações dos pais e/ou mães⁴ frente à revelação de sua orientação afetivo-sexual.

Ademais, a atual situação social do país destaca cada vez mais a insuficiência por parte da população em “acolher o outro”, principalmente quando relacionado à comunidade LGBTI+⁵. No ano de 2017, segundo o portal Agência Brasil (2018), aproximadamente 445 pessoas LGBTI+ foram mortas em crimes com iniciativa homofóbica, o que indica um aumento de crimes violentos contra essa comunidade, uma vez que esse índice é três vezes maior do que o observado em 10 anos. A aceitação da população LGBT+ por vezes é nutrida de más intensões, ofensas, desgastes sentimentais e, principalmente, medo. Muitos/as acabam se sentindo inseguros/as em relação à sua “liberdade” de orientação sexual por conta do meio familiar, social, político e religioso em que vivem. O pouco, ou quase nenhum apoio que recebem de pais, mães e/ou demais familiares, faz com que a revelação da sua orientação sexual seja muito mais dolorosa, podendo a revelação se tornar um momento de ansiedade e sofrimento, com consequências para as suas vidas e de suas famílias. Apesar de a Organização Mundial da Saúde (OMS) ter desconsiderado o “homossexualismo” como uma doença, em 1990, apenas recentemente a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) aprovou um projeto prevendo punições para a discriminação ou preconceito por sexo, orientação sexual e identidade de gênero.

Tendo como mote a relação familiar e a sexualidade, com enfoque na orientação sexual dos indivíduos – filhos/as – neste núcleo, este manuscrito tem como objetivo compreender e construir, a partir de narrativas individuais de jovens homo e bissexuais, uma narrativa coletiva sobre o “sair do armário”, o momento no qual ocorreu a revelação de sua orientação sexual para seus pais e/ou mães. Como a pesquisa foi realizada com os/as jovens que revelaram sua orientação sexual, não é possível inferir

⁴ Neste manuscrito, ao nos referirmos à expressão “pais e/ou mães” incluímos todos/as aqueles/as que, independentemente de laços consanguíneos, exerçam funções paternas e maternas em relação aos/as participantes da pesquisa. Além disso, as conjunções e/ou são usadas aqui para indicar a possibilidade de duas situações ou elementos distintos (pai/mãe) poderem ser considerados separadamente ou em conjunto, não excluindo, sob hipótese alguma, a possibilidade de tanto de famílias monoparentais, recompostas ou constituídas por casais de pessoas homossexuais.

⁵ Comunidade LGBTI+ diz respeito a população composta por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais. Sendo o símbolo + acrescentado à sigla para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero (REIS, 2018). O movimento social LGBTI+, através de manifestações sócio-político-culturais, busca o reconhecimento da diversidade sexual, assim como a promoção dos benefícios desta população.

ou interpretar os sentimentos e reações dos pais e/ou mães, a não ser pelas próprias narrativas dos/as jovens. Nesse sentido, intentamos também compreender a percepção de si (dos/as jovens) e dos pais e mães nesse processo de “sair do armário”.

Método

O presente manuscrito apresenta resultados de uma pesquisa caracterizada como qualitativa, através de um estudo de campo. Optamos pela pesquisa do tipo qualitativa já que a mesma não pode ser interpretada através de números, pois trata-se de uma pesquisa descritiva, buscando o conhecimento e a compreensão das relações sociais. O estudo de campo, por sua vez, proporcionou-nos uma investigação das questões propostas, com uma maior flexibilidade. Assim, no estudo de campo o foco permanece no estudo de um grupo social, enfatizando seus componentes e as interações destes. Além disso, este método apresenta uma maior probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais fidedignas, uma vez que o nível de participação e comunicação destes é maior (ZANELLA, 2013).

Para conhecer as percepções de jovens homo e bissexuais sobre os sentimentos e reações dos pais frente a revelação de sua orientação sexual e alcançar os objetivos propostos, optamos por entrevistar jovens de 18 a 24 anos, uma vez que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência abrange sujeitos de 10 a 19 anos e considera jovens aqueles que se estendem dos 15 aos 24 anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007).

Logo, a técnica de amostragem escolhida para determinar quais sujeitos participariam da pesquisa foi a bola de neve. De acordo com Vinuto (2014, p. 205), a amostragem de bola de neve é utilizada para fins de “melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes”. O método bola de neve se iniciou com a rede de contatos da pesquisadora, através da qual o primeiro convite para a participação na pesquisa foi realizado. Após a primeira entrevista, a pesquisadora solicitou a indicação de outra e assim ocorreu sucessivamente.

Assim, as entrevistas foram feitas com 9 jovens, tendo sido 3 jovens de cada orientação sexual/identidade de gênero – gay, lésbica ou bissexual. Tais entrevistas foram realizadas em um local pré-determinado, combinado com o entrevistado. É

importante considerar, tendo em vista a necessidade de delimitarmos o perfil para a participação no estudo, os seguintes critérios: jovens gays, lésbicas e bissexuais com idade entre 18 a 24 anos, que já tenham revelado a sua orientação sexual para seus pais e que sejam voluntários para participar da pesquisa. Após a submissão, análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa, iniciamos o agendamento e realização das entrevistas.

As entrevistas foram, a partir do consentimento dos/as entrevistados/as, gravadas com o gravador do celular pessoal da pesquisadora e, posteriormente, transcritas. Conforme Jovchelovitch e Bauer (2004, p. 106), “o nível de detalhe das transcrições depende das finalidades do estudo”, sendo necessário para uma boa compreensão do material relatado, proporcionando inúmeras maneiras de interpretar as narrativas gravadas.

Dentro da proposta de uma pesquisa qualitativa e de campo, adotamos, como método de construção dos dados, a entrevista narrativa. Partimos do pressuposto de que as narrativas permitem o relato de eventos específicos, em sequência temporal/espacial, onde o seu significado foi construído e reconstruído a partir dos valores daquele/a que narra sua história (conhecimento, memória, emoção, sentidos, história de vida, etc.) (GOMES, 2003). Para Paiva (2008, p. 3), a entrevista narrativa consiste “na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno”. Entretanto, as narrativas dos sujeitos – autores – mostram para além de uma simples história para ouvir, uma vez que esta é um modo de viver dessas pessoas, sendo, para os/as pesquisadores/as, um processo de aprendizagem, para refletir sobre as vidas narradas (SAHOGOFF, 2015).

Cabe ainda destacar que o instrumento metodológico utilizado foi a entrevista narrativa não estruturada/aberta, pois não foi constituído um questionário com perguntas a serem respondidas para que o/a entrevistado/a ficasse livre para falar sobre o tema proposto. Entretanto, para que isso ocorresse, estimulamos a narrativa do sujeito através de um tópico inicial. Para essa pesquisa o tópico inicial da entrevista foi “Gostaria que você me contasse a sua história de vida, abordando o que quiser, porém trazendo como surgiu a questão de contar a sua orientação sexual para seus pais”.

Como método de análise das entrevistas aplicamos o modelo de Schütze de Análise Narrativa, estruturado por seis passos interdependentes:

O primeiro é uma transcrição detalhada de alta qualidade do material verbal. O segundo passo implica uma divisão do texto em material indexado e não indexado. As proposições indexadas têm uma referência concreta a “quem fez o que, quando, onde e por que”, enquanto que proposições não-indexadas vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada “sabedoria de vida”. Proposições não indexadas pode ser dois tipos: descritivas e argumentativas. Descrições se referem a como os acontecimentos são sentidos e experienciados, aos valores e opiniões ligadas a eles, e as coisas usuais e corriqueiras. A argumentação se refere a legitimação do que não é aceito pacificamente na história e a reflexões em termos de teorias e conceitos gerais sobre os acontecimentos. O terceiro passo faz uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, cujo produto Schütze chama de “trajetória”. No quarto passo, as dimensões não-indexadas do texto são investigadas como “análise do conhecimento”. Aquelas opiniões, conceitos e teorias gerais, reflexões e divisões entre o comum e o incomum são a base sobre a qual se reconstruem as teorias operativas. Estas teorias operativas são então comparadas com elementos da narrativa, pois elas representam o auto entendimento do informante. O quarto passo compreende o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais. Isso leva ao último passo onde, muitas vezes através de uma derradeira comparação de casos, trajetórias individuais são colocadas dentro do contexto e semelhanças são estabelecidas. Este processo permite a identificação de trajetórias coletivas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2004, p. 106).

Então, tendo as entrevistas sido gravadas, transcritas e estudadas, passamos ao procedimento analítico de separar os elementos indexados (cronológicos) dos não indexados (não cronológicos), em quadros com duas colunas para cada entrevista realizada. Como o nosso objetivo era o de compreender e construir uma trajetória ou narrativa coletiva sobre o “sair do armário”, os elementos cronológicos tornaram-se importantes apenas quando inseridos nas histórias individuais de cada participante. Para a construção da trajetória/narrativa coletiva, analisamos os pensamentos, ideias, saberes, suposições, crenças, dentre outros, relativos à percepção de si mesmos e dos pais e/ou mães nesse processo de revelação da orientação sexual.

A partir das semelhanças identificadas entre os elementos não cronológicos das nove entrevistas, uma outra narrativa foi sendo construída; é uma outra narrativa porque não é apenas o resultado da soma das histórias individuais, mas é o que diz de um coletivo, do comum. Embora tenhamos relacionado as falas aqui transcritas às entrevistas individuais, elas são representativas deste coletivo, desta trajetória coletiva. E, por fim, com a contribuição de alguns autores e autoras do campo estudado,

discutimos alguns dos pontos dessa narrativa coletiva, como se esses textos também compusessem, de alguma forma, esta trajetória.

Resultados e Discussão

Para conhecer as percepções de jovens homo e bissexuais sobre os sentimentos e reações dos pais frente à revelação de sua orientação sexual e alcançar os objetivos propostos, as entrevistas foram realizadas com 9 jovens, nas quais foram ouvidos 3 jovens de cada orientação sexual, considerando suas identidades de gênero – gay, lésbica e bissexual. Diante deste contexto, as entrevistas foram realizadas com locais e tempos distintos, tendo variação de 20 a 40 minutos. Logo, houve grande diversidade das histórias contadas, da singularidade de cada sujeito e do modo de narrar. Desta maneira, tais narrativas foram contempladas através de uma construção individual [que não serão apresentadas separadamente nesse artigo] para, posteriormente, produzir-se um discurso coletivo, construindo uma narrativa comum do sair do armário.

Para construir a narrativa coletiva, segundo Jovchelovitch e Bauer (2004, p. 106), deve-se analisar as “opiniões, conceitos e teorias gerais, reflexões e divisões entre o comum e o incomum”. Após a análise, comparamos as narrativas, permitindo a identificação das trajetórias coletivas do sair do armário. Para preservar a integridade dos/as entrevistados/as, adotamos nomes de pessoas da população LGBTQ+ como pseudônimos dos participantes que, de alguma maneira, lutaram pelo movimento social em diferentes momentos históricos.

Além dos pseudônimos, cada narrativa foi nomeada com um título: Marielle Franco e a família tradicional brasileira; Adriano Rodrigues e a invisibilidade na relação paternal; Jean Wyllys e a extinção da família Wyllys; Nancy Cárdenas e o “virar gente novamente”; Sally Ride e o ficar em cima do muro; Iran Giusti e a fase passageira; Willa Cather e a preferível escolha de ser puta à lésbica; Nicholas Ray e o preconceito de si mesmo; João Antônio Mascarenhas e o longo e doloroso processo de auto aceitação. Cabe destacar que os títulos carregam palavras e sentidos atribuídos pelos próprios participantes ao processo de “sair do armário” para a família. No relatório da pesquisa, cada história foi reconstruída individualmente, mas nesse artigo esse não é o nosso foco.

Frente à reconstrução das narrativas individuais dos nove jovens participantes desta pesquisa, articulamos suas histórias em uma trajetória coletiva de modo geral,

contudo, sem a intenção de generalizar acontecimentos, situações e sentimentos. Apesar de a presente pesquisa ser parcial, refletindo a produção de um conhecimento local, as experiências vividas pela população LGBTQ+ podem ser semelhantes, em vários aspectos. Todavia, vivenciadas singularmente.

O sair do armário vai muito além de apenas um momento de revelação para os pais e/ou mães. Trata-se de autoaceitação, segredos, sofrimentos, bullying e preconceitos. Nenhum destes/as jovens relata que, da noite para o dia, se descobriu homo ou bissexual, mas que já se percebiam dessa maneira desde a infância, quando se sentiam diferentes das outras crianças. De acordo com Scardua e Souza Filho (2006), a homossexualidade se relaciona ao âmbito das características inatas: nasce-se assim, é da natureza da pessoa, é genético. Em concordância com o autor, percebe-se a narrativa de Sally Ride:

(...) isso se deu de uma forma orgânica assim (...). Não teve uma grande quebra de tipo eu achava que eu era heterossexual e aí de repente veio uma luz e eu descobri que eu não era. (...) Não foi uma coisa de saber isso, ter elaborado isso desde a infância. É algo que eu sentia, mas que eu não sabia nomear e que em um dado momento da minha vida isso acabou se evidenciando e eu pude pensar em nomear.

Por se identificarem diferentes dos outros, estes/as jovens cresceram sofrendo bullying⁶, tanto por conta de suas características físicas, como por seus gostos e comportamentos. Desta maneira, cresceram negando a si mesmos, tentando se encaixar em um padrão do qual não faziam parte. Muitos/as destes/as jovens, por medo de chacotas, discriminações ou até mesmo de boatos dentro do ambiente escolar, acabavam por se relacionar com pessoas do sexo oposto, pelas quais não se sentiam atraídos/as. Para Barduni Filho e Sousa (2008), os xingamentos mais comuns sofridos pelas vítimas de bullying são aqueles em relação à sua sexualidade, comumente usados para fragilizar a criança, como pode-se observar no relato dos/as entrevistados/as:

Sempre fui muito afeminado, sabe?! Então, eu já sofria bullying quando eu era menor e tudo mais. (Nicholas Ray).
(...) do bullying que eu sofria mais novo por conta de seu ser mais afeminado, por conta de eu ser diferente, por conta de eu gostar de

⁶ O Bullying é considerado um tipo de violência que envolve um conjunto de comportamentos agressivos (físicos ou psicológicos) que ocorrem com certa frequência e sem motivos aparentes. Geralmente, um aluno ou grupo de alunos considerado com mais força intimida ou vitimiza um outro aluno ou grupo de alunos que não encontra meios de se defender dos comportamentos violentos. “Tais comportamentos são usualmente voltados para grupos com características físicas, sócio-econômicas, de etnia e orientação sexual, específicas” (ANTUNES; ZUIN, 2008, p.34).

música pop, gostar de coisas que não é comum um homem hetero gostar, um menino hetero gostar. (Jean Wyllys).

(...) eu tinha apelidos na escola porque eu me vestia como menino, eu tinha cabelo curto... Aí eu era chamada de machorra, enfim. (Nancy Cardenas).

Aí eu comecei a ficar com meninas. Só que eu notava que eu não tava realmente interessado, que eu tava fazendo aquilo tipo só pra matar meio que um negócio que tava acontecendo dentro do colégio que era que começassem a falar que eu talvez fosse gay. Daí eu, pra acabar com isso, resolvi a ficar com meninas. (Jean Wyllys).

Para estes/as jovens, a escola não teve um papel diferenciador, uma vez que ela se omitia diante de comportamentos de bullying. A escola não contribuiu no sentido de ajudá-los a entender o que significava este momento pelo qual estavam passando e o que estavam sentindo. Para Junqueira (2009), as escolas se condicionam à uma sociedade heteronormativa, revelando um “estado de negação” em relação às injustiças geradas pela homofobia e pelo heterossexismo. O ambiente escolar entende como se as tendências homossexuais das crianças fossem desaparecer conforme estas forem crescendo e, por isso, ignoram perseguições e humilhações vivenciadas, direcionando-se a outros fatores (BARDUNI FILHO; SOUSA, 2008). Logo, a escola acaba por não ser um ambiente seguro e acolhedor para que estes jovens possam se sentir à vontade para se revelarem.

Diferentemente do ambiente escolar, a faculdade acabou se tornando um meio que potencializou processos de autoaceitação para estes/as jovens, uma vez que, neste ambiente, o assunto era tratado como trivial, tendo maior aceitação das pessoas e com maior contato com a população LGBT+. Ao começar a se relacionarem com outras pessoas da comunidade LGBT+, começaram a frequentar ambientes e festas deste meio, inicialmente escondidos/as dos pais e/ou mães. Eles também levavam pessoas com as quais estavam se relacionando para casa com o pretexto de serem apenas amigos/as. Estes/as jovens omitiam tais informações dos pais e/ou mães por medo e por não estarem prontos/as ainda para saírem do armário, porém, também tinham medo de que os pais e/ou mães descobrissem a mentira, assim como descobrissem sua orientação sexual através de terceiros.

Desta maneira, o segredo familiar oculta fatos “que não correspondem às rígidas exigências estabelecidas pelos padrões familiares” (PRADO, 1996, p. 199). Para Sedgwick (2007), o armário é uma imagem importante para pensarmos sobre as formas como pessoas homo e bissexuais constroem as suas subjetividades, de maneiras singulares, experimentando o mundo e as diferentes relações que vão sendo construídas

nos mais variados contextos (familiar, escolar, universitário, do trabalho) e construindo barreiras, limites, possibilidades, distanciamentos e/ou proximidades conforme sentem que podem ou não se expressar. Essa negociação nas formas de ser e de existir acontece até mesmo entre aqueles que vivenciam mais abertamente a sua sexualidade. O armário, para a autora, se constitui como uma estrutura definidora da opressão gay, caracterizando-se como elemento fundamental da vida desses indivíduos (SEDWICK, 2007). O armário implica diferentes estratégias de silêncio, logo, o manter-se no armário poderia vir a ser um fator significativo para o adoecimento psíquico dessas pessoas, uma vez que não se sentem à vontade e livres, vivendo em uma rede de mentiras (POESCHI; VENÂNCIO; COSTA, 2012).

Dentre os motivos pelos quais os/as jovens optaram por não contar de imediato a sua orientação sexual para seus pais e/ou mães, encontra-se a questão de grande parte dos pais e/ou mães expressarem em casa os seus pensamentos homofóbicos, fazendo comentários e piadas, assim como tendo comportamentos de repulsa à população LGBT+. As relações familiares, para Soliva e Silva Junior (2014), são configuradas por um processo de heterossexualização compulsória, através do qual a heteronormatividade impõe o que é considerado normal e adequado, sendo calado e excluído aquilo que fica de fora da norma, sem nome, não dito. Sendo as famílias consideradas “aparelhos” heteronormativos, os comportamentos são controlados pelos/as familiares, uma vez que esses/as tendem a buscar a reintegração da pessoa homo e bissexual ao padrão sexual dominante. As agressões, as ameaças e outros tantos tipos de violência, conforme Soliva e Silva Junior (2014), expõem a intolerância, a frustração e os medos que os pais e/ou mães sentem ao se depararem com a existência de um/a filho/a fora na norma.

Desta maneira, é através de xingamentos, recriminações e ameaças que tentam fazer os jovens homo e bissexuais voltarem à heterossexualidade, ou simplesmente demonstrar que não sabem falar sobre o assunto ou que sentem medo que seu/sua filho/a seja bi ou homossexual. A violência psicológica também é empregada como forma de repreender a sexualidade, sendo esta violência vivida de forma silenciosa, causando danos psicológicos importantes a estes/as jovens (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014). Em conformidade com os autores, observa-se as falas a seguir: “(...) que se ela tivesse um filho gay, ela ia bater no filho até ele virar gente de novo” (Nancy Cárdenas); “(...) que preferia puta do que lésbica (...) porque pelo menos tá dando pra homem” (Willa Cather).

Outro fator recorrente nas narrativas é que a percepção da homossexualidade como pecado divino ainda se mantém presente na forma de lidar com o tema, de modo que a homo e bissexualidade não teriam como objetivo primordial, como a heterossexualidade, a procriação e manutenção da família (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014). Esta concepção está presente principalmente entre os pais e/ou mães que cresceram e viveram em ambientes e famílias religiosas, tendo estes/as jovens também absorvido conhecimentos, pensamentos e dogmas religiosos, como podemos observar nos seguintes trechos:

Aí eu fiquei com isso pra mim, achando que eu ia pro inferno, que eu ia conhecer o demônio... Foi bem difícil assim, porque, eu querendo ou não, eu participava do contexto da igreja antes de fazer qualquer contato social, por fora da escola, etc. (Marielle Franco).

Eu lembro que a gente rezava muito assim, eu rezava pra tipo se eu realmente for isso, que eu não fosse, sabe?! Uma condição real, pra que eu não fosse de verdade. (...) E daí em 2017, que tinha sido a primeira vez que eu tinha ficado com menino, eu fiquei doente e eu tive que ir pro hospital e tive problema no meu olho e daí foi uma das primeiras vezes que eu talvez tenha... Eu tentava achar uma maneira de me culpar pelo que tinha acontecido comigo, assim... E eu me culpei muito por ter ficado com um menino na época: “Bah! Eu fiquei doente porque eu sô gay”, sabe?! (João Antônio Mascarenhas).

Entretanto, para que muitos destes/as jovens pudessem sair do armário para os pais e/ou mães, foi preciso que antes tentassem, em conjunto, desconstruir tais pensamentos. Estes jovens também perceberam tais pensamentos como pertencentes à criação que os seus pais e/ou mães tiveram, baseada no padrão heteronormativo e que, conseqüentemente, repassaram em suas criações. Logo, tais jovens buscavam não exigir uma total e brusca mudança na forma de seus pais e/ou mães pensar, apenas que entendessem e respeitassem as suas decisões. A narrativa coletiva evidencia que esses/as jovens também estavam tentando evitar essa revelação porque, como discutem Soliva e Silva Junior (2014), sentiam medo da rejeição familiar e social – para muitos/as, consequência imediata do ato de “assumir-se”. Tendo em vista tais receios, surgem inúmeras perguntas que começam a ser formuladas diante da certeza de que algo está “errado”.

Algo também marcante nessa trajetória coletiva é que as mães⁷ foram as escolhidas para a revelação, deixando os pais para um segundo momento. Em algumas

⁷ Nos próximos dois parágrafos nos referimos especificamente às mães (mulheres cisgênero que exercem função materna) e aos pais (homens cisgênero que exercem função paterna) separadamente, conforme indicaram os/as participantes nas entrevistas.

situações, foram as próprias mães que tiraram os/as filhos/as do armário, perguntando o que estava acontecendo e se não gostariam de uma conversa. Interessante notar que, independentemente do caso, todos/as relataram que sentiam que as mães já sabiam, mas negavam para si mesmas tal informação. Isso reforça a ideia de Soliva e Silva Junior (2014) de que os pais e/ou mães são os primeiros a ficar sabendo, entretanto, os últimos a aceitarem a homo e bissexualidade de seus filhos. Logo, “os pais que são capazes de perceber “indícios” que os levariam a crer que alguma coisa está “errada”” (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014, p. 132).

A descoberta da orientação sexual é uma tarefa complexa, que acaba por envolver inúmeros sentimentos e medos. Assim, em alguns casos, a descoberta pode ser provocada por uma atitude espontânea do/a filho/a, que se vê cercado de dúvidas, podendo “ocorrer por ele achar que estará então dividindo com os pais um “problema” que precisa compartilhar, saindo, assim, do ocultamento” (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014, p. 136). Contudo, os/as familiares também podem provocar a descoberta dos/as filhos/as, como nos casos narrados, em que as mães tiraram os/as seus/suas filhos/as do armário, devendo-se ao sofrimento que elas perceberam que seus/suas filhos/as estavam sentindo, em notar que esses/as escondiam algo, mantendo algo em segredo, ou até mesmo sentiram uma mudança de comportamento deles/as. Sendo assim, acabaram deixando seus ideais para trás por conta de seus/suas filhos/as. No entanto, em relação aos pais, estes/as jovens não viam a necessidade de contar, pois sentiam seus pais exercendo um papel secundário em suas vidas, como se fossem apenas figurantes. Ademais, também sentiam mais receio de se revelarem por sentirem mais medo da repulsa que esses poderiam vir a ter, juntamente com o comportamento agressivo. Muitos destes/as jovens sentiam que seriam expulsos de casa por seus pais. Há jovens, porém, que não se revelaram para os pais, sendo por conta do medo, de não verem necessidade ou, como no caso do Jean Wyllys, em que a mãe pediu para que não o fizesse, pois

(...) ela tem medo até que ele [o pai] tenha uma reação muito violenta (...). E ela até me falou que ela também tem medo pelo casamento deles porque vai que ele se sinta traído porque tipo “Ai, a tua mãe sabia e eu não!”. Se sinta traído e daí tipo quando vê quer se separar da minha mãe por causa disso e eu não duvido.

Conforme Hauer e Guimarães (2015), é quase inevitável o choque dos pais e das mães ao se depararem com um filho homossexual. Estes pais e/ou mães veem a saída do armário como causadora de uma decepção e frustração, onde “veem

desaparecer todas as esperanças que tinham alimentado cuidadosamente: têm um filho que se revela cada vez mais diferente do que tinham projetado e que nada tem a ver com o ser sonhado que esperavam” (p. 650). Conseqüentemente, os pais e/ou mães procuram a quem culpar ou procuram acreditar ser apenas uma fase passageira – principalmente no caso da bissexualidade. Como bem destacam Soliva e Silva Junior (2014), existem pais e/ou mães que se sentem responsabilizados pela “escolha” que os/as filhos/as fazem, refletindo na “culpa” que muitos/as sentem quando descobrem que o/a filho/a não atende às expectativas esperadas para o seu sexo biológico. Ao conhecer o armário ou quando o armário se abre, os pais e/ou mães tendem, no primeiro momento, a acolher os filhos. Porém, a revelação também é seguida de culpabilização por parte da família, como no caso de Marielle Franco e Nancy Cárdenas, que viram a família se perguntar: “(...) Onde foi que eu errei? Que que eu fiz pra ter uma filha assim?” (Marielle Franco); “(...) Meu Deus, o que que eu fiz de errado? Onde foi que eu errei? O que que te faltou?” (Nancy Cárdenas).

Além do mais, há uma desconstrução da imagem idealizada do/a filho/a. De acordo com Soliva e Silva Junior (2014), para os pais e/ou mães, a descoberta do armário indica uma ameaça que corrompe por completo qualquer roteiro de vida que estes/as tenham planejado para o/a filho/a ao nascer – casamento, ter netos/as, continuação de uma família, mesmo que este seja um roteiro de vida pautado nos pressupostos da heteronormatividade e binarismo de gênero. Hauer e Guimarães (2015, p. 650) reconhecem que as famílias partem do pressuposto de que “se for menina vai usar rosa, terá bonecas, fará aulas de balé; se for menino, usará azul, brincará de carrinho e frequentará uma escolinha de futebol”, assim como a filha encontrará um rapaz ou o filho encontrará uma moça, com quem vai se casar, ter filhos/as e passar o nome da família adiante. Entretanto, a orientação sexual destes/as filhos/as foge do controle familiar, provocando o choque ao se depararem com um/a filho/a homo ou bissexual, como no caso de Jean Wyllys:

Sei lá, a geração deles nunca quer que isso aconteça, como se isso fosse uma doença, como se fosse... “Ai meu deus, o que é isso? Que que eu faço agora da minha vida? O meu filho perfeito é gay, o que que eu faço? Carreguei ele por 9 meses na barriga pra isso?”. É isso que eles devem pensar! E também tem aquela parte assim que eles não se dão conta assim tipo... A minha mãe quer ser avó mas eles não se dão conta que tem como ser avos sem ser assim do jeito tradicional. E eles... No momento, acho que ela viu o neto dela morrendo tipo assim

“A minha família vai acabar! Não vai ter descendente”. É isso que ela deve ter pensado.

Conforme os relatos dos/as jovens, nenhum pai e/ou mãe gostaria que seu/sua filho/a fosse homo ou bissexual, assim, para desconstruir a imagem idealizada, estes/as passam por um trabalho de luto, vivenciadas, conforme Hauer e Guimarães (2015, p. 653), em seis etapas: “descoberta, luto, negação, defesa, conformação e aceitação”. Da mesma maneira que há sofrimento para os pais e/ou mães ao descobrirem o armário, os/as jovens sofrem igualmente, senão pior, ao sair deste, uma vez que não se trata de um processo fácil, principalmente onde não se sente uma forte rede de apoio. Na fala de Marielle Franco observa-se o processo de luto de sua mãe:

Aí aos poucos a minha mãe foi, enfim... Foi passando por esse processo dela, que foi o luto, né?! Porque ela tinha uma ideia minha, que de qualquer forma, mesmo se eu fosse heterossexual, não ia ser eu a ideia que ela tinha na cabeça dela. Mas enfim, ela teve que destruir essa imagem e construir outra, que era eu assim.

Para Santos, Brochado e Moscheta (2007), o acolhimento e a atitude respeitosa na aceitação do modo de ser do/a filho/a, configurando uma rede de apoio consolidada, contribui para a autoestima da pessoa, de modo que ela saberá lidar com possíveis discriminações sociais. Independentemente do caso, a população LGBTQ+ relata a sensação de alívio ao sair do armário, sentindo-se como se tivessem tirado um peso das costas. Esse sentimento se manifesta no comportamento destes/as jovens, que agora podem ser verdadeiros/as com os pais e/ou mães, não precisando mais esconder-se dentro do armário e mentir sobre sua vida. Sentem-se acolhidos por seus pais e/ou mães, sendo aceitos e recebendo apoio destes/as. Logo, percebe-se no decorrer das falas: “(...) eu tinha a minha vida e a minha vida em casa. Era separado” (Marielle Franco); “Ela conheceu o Wesley tipo assim o filho dela, não o Jean inteiro, a pessoa, o Jean” (Jean Wyllys); “Foi um alívio que eu tive, sabe?!” (Willa Cather); “Eu me senti meio aliviado, meio tirando um peso das costas”. (Adriano Rodrigues).

Apesar da alta aceitação da família, muitos/as afirmam o desconhecimento, por parte dos pais e/ou mães, referente às orientações sexuais, uma vez que os/as bissexuais eram confundidos/as como lésbicas ou gays. Referente à bissexualidade, os pais e/ou mães pensavam que se tratava de uma escolha ou de “estar em cima do muro”, no qual o/a jovem ainda não havia se decidido, fornecendo a esperança de que seus/suas

filhos/as pudessem ainda um dia se identificar como heterossexuais. Diferentemente dos pais e/ou mães, os/as jovens, ao perceberem sua orientação sexual, procuravam entender sobre o assunto, buscando informações na internet ou com amigos/as. A escola ou a família nunca era um meio de comunicação procurado relativo a este assunto, uma vez que não havia cultura de diálogo referente à sexualidade. Assim como a escola, os pais e/ou mães abordavam apenas a parte biológica da sexualidade, como Nery e colaboradores (2015, p. 289) destacam, “as questões ligadas à contracepção e à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)”. O discurso praticado pelos pais e/ou mães e repetido no ambiente escolar exclui a singularidade das pessoas e a possibilidade de diálogos produtivos, tornando as conversas monótonas e repetitivas. Conforme Nery e colaboradores (2015, p. 290), “a subjetividade possui maior influência com os adolescentes, que uma simples exposição de informações, pois permite participação, questionamentos e suposições”. Os pais e/ou mães tem dificuldade de lidar com a sexualidade de seus/suas filhos/as, pois eles/as mesmos/as ainda possuem tabus e indefinições sobre o assunto.

Como mencionado anteriormente, o sair do armário vai muito além do momento da revelação. Sendo assim, a vida fora do armário contempla este momento, preenchida com o medo de agressões, preconceitos e de ter dificuldades no emprego. Devido ao heterossexismo e à homofobia, de acordo com Poeschi, Venâncio e Costa (2012), as pessoas homo e bissexuais não se sentem confortáveis com a sua orientação sexual, muito menos em revelá-la para qualquer pessoa ou em qualquer contexto social, por conta do medo da violência e dos julgamentos que podem vir a ocorrer. Isso se torna expresso na seguinte fala:

(...) eu tenho medo que a minha orientação sexual vá fazer eu não conseguir eu subir de cargo, que a minha liderança não vá aprovar, de que a minha orientação sexual, se eu falar pro meu chefe, pode ser que eu seja demitido. Se que tiver que sair alguém da empresa, eles vão me escolher. Que eu tenho certeza que nem toda a minha família vai me apoiar, vai ir no meu casamento. (Adriano Rodrigues).

Segundo Costa e Nardi (2015), o preconceito vivenciado e sofrido pelas pessoas LGBT+ é um dos efeitos de culturas pautadas na heteronormatividade, servindo de justificativa para manter desigualdades sociais. As representações sociais da população LGBT+ se vinculam, sobretudo, às características pessoais, tanto físicas como comportamentais, apresentadas como conteúdos estereotipados, “como o do homem gay com características afeminadas e a da mulher lésbica com características

masculinizadas” (DA SILVA; FINKLER; MORETTI-PIRES, 2019, p. 8). Ainda que reconheçam que a aparência não é suficiente para identificar a sexualidade de alguém, as pessoas, pertencentes ao público LGBT+ ou não, orientam-se principalmente pela aparência física e pela linguagem gestual. Isto ocorre uma vez que a sociedade tem a heterossexualidade como padrão, tornando qualquer orientação fora deste modelo como imoral e inaceitável.

O padrão comportamental atribuído às pessoas LGBT+, de comportamentos afeminados em homens gays e masculinizados em mulheres lésbicas, influencia a aversão, orientada por estas características, o que pode ser, inclusive, um gatilho para o preconceito (DA SILVA; FINKLER; MORETTI-PIRES, 2019). Por conseguinte, muitos/as jovens procuram se abrir para as relações e serem realmente quem são, porém também há preconceito dentro da própria população LGBT, como mencionado abaixo:

(...) lésbicas e gays tem preconceito com pessoas bi, bissexuais porque acham que ou é hetero tentando se aparecer, ficando com pessoa do mesmo sexo só pra se aparecer e também vem o preconceito de fora que também é os heteros achando que na verdade é um viadinho ou uma sapatão que quer se aparecer também. E fica os dois naquele preconceito e aí acaba tipo dividindo bastante a comunidade. E também dentro da comunidade gay mesmo tem muito preconceito, tanto que a gente é dividido praticamente em nichos, que são os afeminados, os ativos, os ursos, os não sei que lá... E eles inventam essas várias nomenclaturas e tipo assim tudo só se relaciona com aquela nomenclatura. (...) A gente vem dessa sociedade heteronormativa e a gente já entra com o preconceito embora seja da comunidade LGBT, a gente já entra com o preconceito dentro. (Jean Wyllys).

A heteronormatividade, portanto, tende a garantir o destino único e comum, através da qual as pessoas são educadas para serem heterossexuais, pressupondo-se que todos são ou deveriam ser heterossexuais (GROSSI, 2007). Conforme Grossi (2007), o heterocentrismo produz um sentimento de superioridade em relação a todas as outras manifestações da orientação e/ou identidade sexual, definindo a orientação heterossexual como “normal”, correta, “verdadeira” e, por isso, superior e compulsória a todas as outras orientações sexuais, tendo como um de seus efeitos a homofobia.

Assim, todo e qualquer comportamento sexual que se afasta da heteronormatividade é tratado como desvio, doença, perversão ou falha de caráter (SANTOS; BROCHADO; MOSCHETA, 2007), como buscamos evidenciar nesta narrativa coletiva. Em conformidade com Nascimento e colaboradores (2015, p. 559),

“a homossexualidade causa impacto na sociedade, que ainda defende a tríade que une heterossexualidade, casamento e filiação, sendo os novos laços homoafetivos uma ameaça concreta aos limites e normas sociais e de gênero vigentes”.

As mulheres participantes dessa pesquisa apontam ainda questões de gênero importantes para a forma como vivem a sua orientação homo ou bissexual. Para Ribeiro e De Oliveira (2018), a representação da mulher vem cercada por hipersexualização e objetificação, vinculadas à moda, cosméticos, produtos de limpeza, eletrodomésticos, entre outros. A pesquisa “Representações das mulheres nas propagandas na TV”, realizada pela Data Popular e o Instituto Patrícia Galvão em 2013, mostrou que 56% dos brasileiros não acreditam que as propagandas de TV mostram a mulher da vida real. A mulher acaba por ser estereotipada, e essa realidade é ainda mais discrepante quando o foco é a mulher lésbica, que passa a ser um objeto muito maior de sexualização masculina (RIBEIRO; DE OLIVEIRA, 2018), como pode-se notar nas narrativas abaixo.

Eu acho que tem uma hipersexualização da mulher lésbica que é uma coisa assim absurda e nojenta! Lembro uma vez que eu tava passeando de mãos dadas assim com uma meninas e em cada esquina algum homem idiota ficava falando alguma coisa e era bem chato. E eu sei que isso acontece muito. Não só comigo mas com quase todas as lésbicas. (Nancy Cárdenas).

Tu é lésbica? Como assim? Tu não tem jeito de lésbica! (Marielle Franco).

(...) as pessoas identificarem em mim traços de masculinidade, que eu sei que existem, que estão presentes. E reagirem de um modo desagradável (...). (Sally Ride).

A sexualidade feminina está inserida no papel de “satisfação exclusiva masculina, e por isso muitos homens pensam que possuem algum tipo de poder sobre as mulheres” (RIBEIRO; DE OLIVEIRA, 2018, p. 92). Entretanto, nenhum homem é vítima única e exclusivamente de uma mídia influenciadora, de maneira que a representação masculina sempre expressa o poder e a virilidade. Do mesmo modo, “estamos acostumados a ver lésbicas e mulheres bissexuais sendo tratadas em filmes e peças publicitárias como sexualização masculina” (SILVA, 2016, p. 92).

Sendo a revelação um processo gerador de sofrimento, a psicoterapia teria como papel fundamental o auxílio na compreensão de sua sexualidade e como lidar com questões relacionadas a ela. Uma vez que os sujeitos estão submetidos a uma rede de opressão, tanto interna quanto externa, o princípio do processo terapêutico procura trabalhar demandas como aspectos essenciais em relação ao seu processo de

subjetivação, assim como as influências do contexto social nos quais estiveram e estão localizados (TOLEDO; PINAFI, 2012). Como no caso do João Antônio Mascarenhas, que relata que o processo de autoaceitação e revelação o levaram a ter depressão, como descrito na seguinte fala: “(...) eu faço terapia por isso hoje em dia, porque eu tive depressão (...)”.

À vista disso, o terapeuta não deve procurar adequar o paciente LGBT+ à norma heterossexual, ou seja, no sentido de levá-lo à “assunção de uma postura que seja a mais asséptica e palatável possível dentro dos padrões” (TOLEDO; PINAFI, 2012, p. 152). Outrossim, o profissional deve ajudar o/a paciente a produzir uma realidade na qual sinta que pode viver sem sofrer. Para que isso ocorra, Toledo e Pinafi (2012) afirmam que o trabalho terapêutico não deve se basear em princípios morais, religiosos, heterossexistas ou qualquer modelo que faça referência à normalidade, de qualquer espécie, em seus posicionamentos analíticos.

O/A terapeuta homofóbico/a, para Castañeda (2007), é aquele/a que coloca em pauta a homossexualidade como causa dos problemas dos pacientes. Da mesma maneira, o/a terapeuta não pode tratar seu/sua paciente como se ele fosse heterossexual, pois ele não o é. Em conformidade com a Resolução 001/99, os profissionais da Psicologia no Brasil não devem oferecer qualquer tipo de terapia de reversão sexual, como a cura gay, tendo em vista que a homossexualidade não é considerada patologia, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Tal resolução indica ainda que

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999, p. 2).

Indo ao encontro da citada resolução, Toletto e Pinafi (2012) alertam ainda que o/a terapeuta deve convidar os pacientes a aliar-se a sentimentos positivos de sustentação à vida, ajudá-los a verem a si mesmos como vítimas de ideias inculcadas de discriminação, homofobia e desigualdades de gênero e convidar seus pacientes a externalizarem seus sentimentos e pensamentos homofóbicos interiorizados. O objetivo da clínica psicoterápica voltada ao público LGBTQ+, segundo Toletto e Pinafi, citando Castañeda (2007, p. 169), “não é fazer o homossexual viver feliz apesar de sua homossexualidade, (...) não é fazer com que se sintam “normais” e sim que assumam e apreciem sua diferença”. A psicoterapia pode produzir saúde ou sofrimento à pessoa bi e/ou homossexual. Esses cuidados e orientações aos psicoterapeutas e psicólogos/as são fundamentais, pois, ao contrário do que se evidenciou nessa construção de uma narrativa coletiva sobre o sair do armário, muitas são as queixas da população LGBTQ+ em relação aos procedimentos terapêuticos adotados e à postura moralista e heterossexista de muitos/as psicólogos/as.

Conclusão

Ao observarmos as trajetórias aqui brevemente narradas e refletindo sobre as experiências vividas por essa população, ressalta-se que, por mais que estes/as jovens tenham passado pelo processo de autoaceitação sozinhos/as e saíram do armário para os/as amigos/as, não era possível mensurar a sensação que tiveram ao se revelarem para os pais e/ou mães. Esses/as jovens “descobriram-se” no ambiente escolar, porém não se sentiam à vontade para terem conversas sobre sexualidade com professores/as, já que estes/as não davam abertura ou não abordavam o assunto – quando abordado, sempre de maneira biológica. Ademais, os/as jovens remetem-se à escola apenas ao lembrar o bullying vivido neste contexto, nunca mencionando alguma ajuda obtida neste local. Assim, seria de suma importância que a escola incorporasse a discussão e incentivasse rodas de conversa sobre o assunto, de modo que não se combate o bullying sem entender que este é um produto da sociedade heteronormativa, afastando as diferenças e exaltando o modelo binário.

Logo, por crescerem e serem criados/as através dos padrões heteronormativos, jovens LGBTQ+ não se sentem à vontade para sair do armário para seus pais e/ou mães por medo da reação destes/as, esperando comportamentos negativos, como agressividade ou até mesmo a expulsão de casa. Uma vez saídas do armário, essas

peças ainda precisam enfrentar a homofobia na sociedade, não sabendo o que esperar desta, se restringem, deixando de agir normalmente – como andar de mãos dadas ou não beijar o/a parceiro/a publicamente, não andar sozinho/a na rua à noite, medo de ser demitido/a por conta de sua orientação sexual, medo de ser agredido/a, etc.

Grande parte dos/as jovens, ao saírem do armário para seus pais e/ou mães, sentem-se aliviados, como se estivessem tirando um peso de suas costas. Desse modo, tal sensação é vivenciada por conta de não precisarem mais esconder segredos ou fingirem serem outra pessoa frente aos pais e/ou mães. Diante disso, percebem uma modificação na relação familiar, sentindo seus pais e/ou mães mais presentes e interessados/as em suas vidas pessoais, tendo mais comunicação dentro de casa, não se esquivando do assunto. Além disto, aqueles/as jovens que relataram pensamentos homofóbicos dos pais e/ou mães antes e frente à revelação, agora, por desconstruírem juntos tais concepções, percebem uma melhora destes/as, de maneira que isto acaba por aproximá-los/as ainda mais.

Destaca-se, contudo, que a pesquisa alcançou um recorte muito limitado e parcial da realidade da população LGBTQ+. Os/As participantes, em sua maioria, são de classe socioeconômica média, média-alta. Boa parte deles tem acesso ao Ensino Superior e são pessoas brancas. Isso significa, dentre tantas outras coisas, que não podemos afirmar como é/foi a experiência de “sair do armário” para uma pessoa negra, pobre e sem acesso ao Ensino Superior, por exemplo. Outros estudos podem contribuir nessa discussão tomando como norte a noção de interseccionalidade. Além disso, destaca-se que os/as participantes, em sua totalidade, são naturais de cidades de pequeno porte, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, o que influencia significativamente nas suas trajetórias, tão marcadas pelo medo da revelação da sua sexualidade.

Cabe ainda ressaltar que todos os objetivos dessa pesquisa foram alcançados, conseguindo conhecer as percepções de jovens bi e homossexuais sobre os sentimentos e reações dos pais e/ou mães frente à saída do armário, assim como compreender como estes/as jovens percebem a si mesmos e a seus pais e/ou mães, verificando possíveis modificações na relação familiar e possíveis consequências de uma sociedade heteronormativa na vida desses. Evidenciamos, também, a importância da Psicologia neste momento e da garantia dos direitos humanos da população LGBTQ+ nos processos de psicoterapia, para que outros/as jovens possam conseguir enfrentar a saída do armário, tendo terapia como recurso potencializador de saúde e de vida, como menos angústias e sofrimento.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017**. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em>. Acesso em: 29 maio 2019.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do *Bullying* ao Preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v.20, n.1, 33-42, 2008.

BARDUNI FILHO, J.; SOUSA, D. D. L. de. A questão da homossexualidade e o bullying. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2008. **Anais...** [S.l.]: EDUCERE, 2008. p. 1063-1074.

BIROLI, Flávia. **Família: Novos Conceitos**. São Paulo: Coleção O Que Saber, 2014.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. Tradução de Brigitte Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A Girafa, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP N° 001/99 de 22 de março de 1999**. 1999. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

COSTA, A. B.; NARDI, H. C. Homofobia e Preconceito contra Diversidade Sexual: debate conceitual. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.23, n.3, 715-726, 2015.

DA SILVA, A. L. R.; FINKLER, M.; MORETTI-PIRES, R. O. Representações Sociais de Trabalhadores da Atenção Básica à Saúde sobre pessoas LGBT. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, 1-20, 2019.

GOMES, Ana Rita Costa. **A Narrativa enquanto Instrumento de Investigação e de Autoconhecimento**. Porto: [s.n.], 2003. p. 377.

GROSSI, M. et al. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2007. p. 301-319.

HAUER, M.; GUIMARÃES, R. S. Mães, filh@s e homossexualidade: Narrativas de aceitação. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 649-662, set. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 nov. 2019.

JOVCHELOCITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: _____. BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Coord.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 90-113.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Aqui não tem os gays nem lésbicas”: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas. **Bagoas – Estudos gays: gênero e sexualidades**, Natal, v. 3, n. 04, p. 171-189, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2302/1735>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MACEDO, Rosa Maria. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 91, p. 62-68, 1994. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/877/883>. Acesso em: 05 abr. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Marco legal: saúde, um direito dos adolescentes**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

NASCIMENTO, G. C. M. et al. Relacionamentos Amorosos e Homossexualidade: Revisão Integrativa da Literatura. **Temas psicol.**, [s.l.], v. 23, n. 3, p. 547-563, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 05 abr. 2019.

NERY, I. S. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta paul. enferm.**, Ribeirão Preto, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300003. Acesso em: 05 abr. 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [s.l.], v.8, n. 2, p. 261-266, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

POESCHI, G.; VENÂNCIO, J.; COSTA, D. **Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais**. Lisboa: Edições Colibro, 2012.

PRADO, L. C. Metáforas, segredos e mitos ao longo do ciclo vital: Uma reflexão clínica. In: _____. (Ed.). **Famílias e terapeutas: Construindo caminhos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 199-212

RIBEIRO, K. S.; DE OLIVEIRA, E. B. A representação lésbica na publicidade. **Rev. Dito Efeito**, Curitiba, v. 9, n. 14, p. 87-101, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/view/9024/5532>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SAHAGOFF, A. P. **Pesquisa Narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana**. Porto Alegre: SEPesq: 2015.

SANTOS, M. A.; BROCHADO, J. U.; MOSCHETA, M. S. Grupo de Pais de Jovens Homossexuais. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 1-16, 2007. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000200002. Acesso em: 26 nov. 2019.

SCARDUA, A.; SOUZA FILHO, E. A. de. O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 482-490, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n3/a17v19n3.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, [s.l.], p. 19-54, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 12-25, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003. Acesso em: 26 nov. 2019.

SOLIVA, T. B.; SILVA JUNIOR, J. B. da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 124-148, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872014000200124&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 nov. 2019.

TOLEDO, L. G.; PINAFI, T. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 137-163, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100010. Acesso em: 26 nov. 2019.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/cd8e/3ecb215bf9ea6468624149a343f8a1fa8456.pdf?_ga=2.153581368.1890934535.1574799161-97213825.1573264771. Acesso em: 26 nov. 2019.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração, 2013.

Recebido em agosto de 2020.

Aprovado em setembro de 2020.